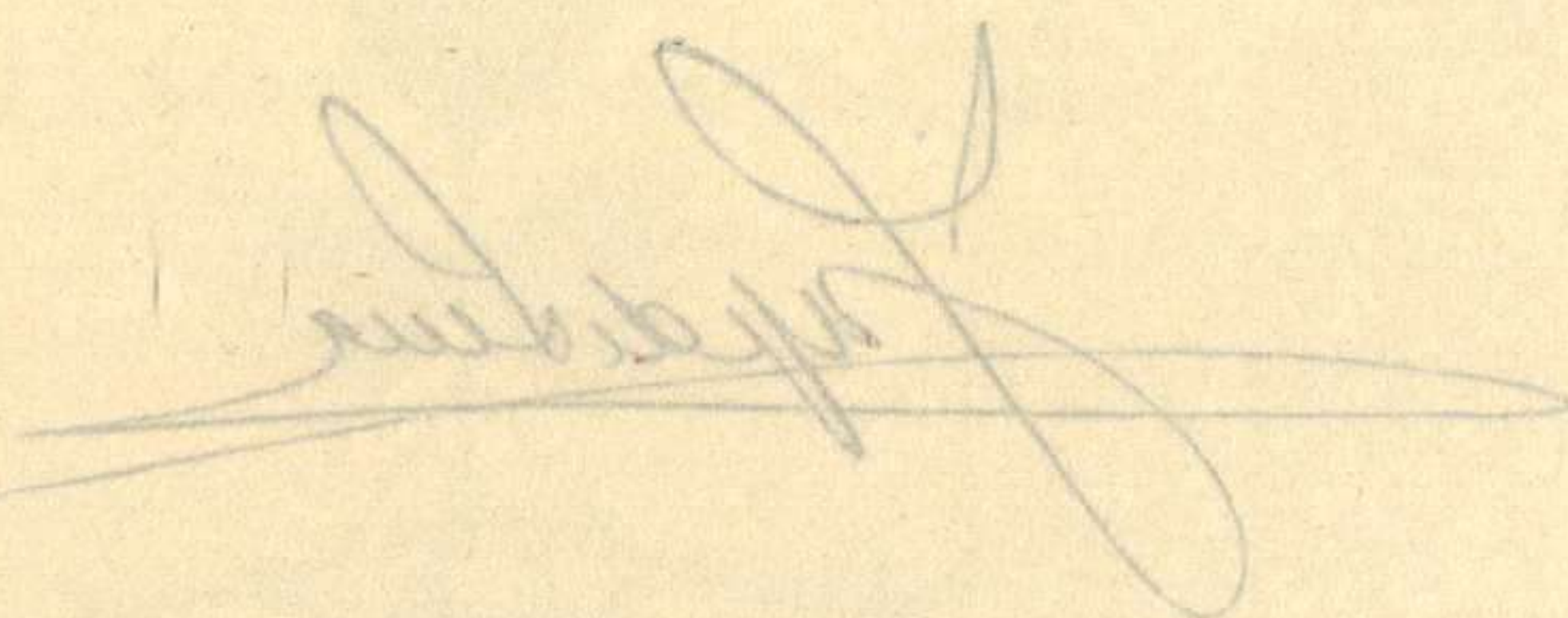


Jorge de Sena



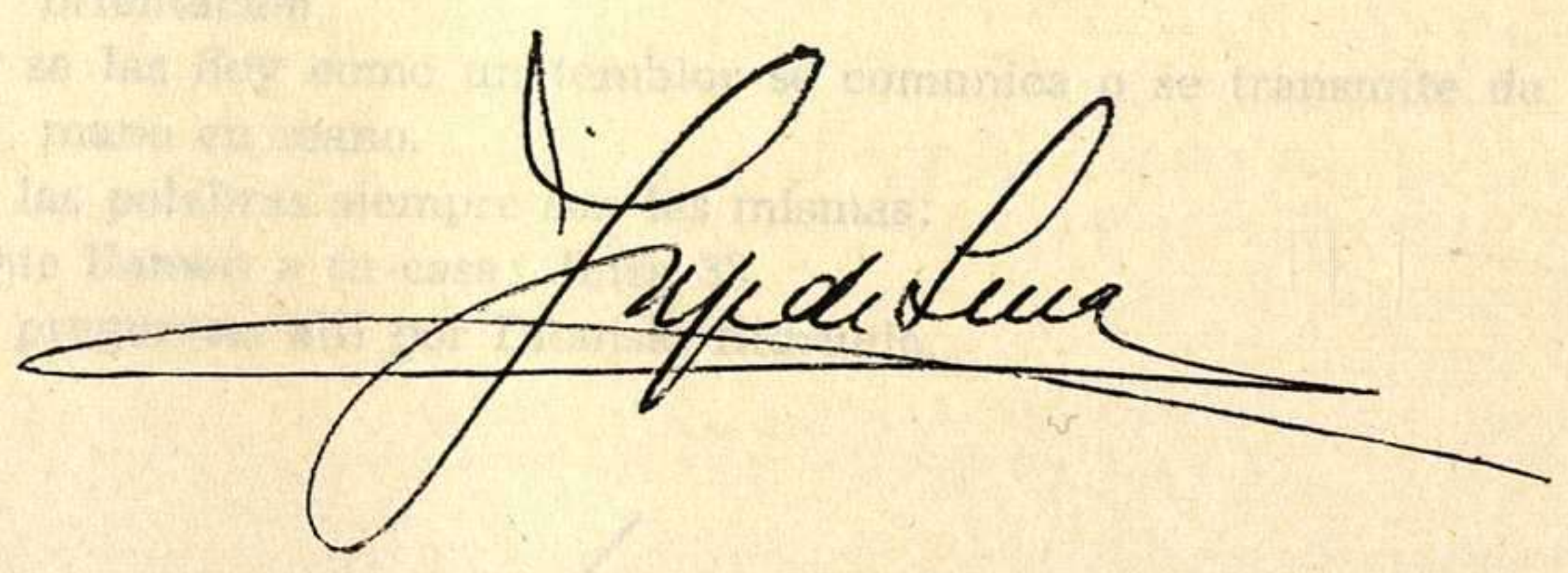
DIONISIO RIDRUEJO MAESTRO DE LIBERTAD

A DIONISIO RIDRUEJO

Poetas disseram: escrever nas águas,
passar-se como o vento que não volta,
e outras imagens do fugir do tempo
(julgavam eles, quando o que nos foge
é ser-se ouvido no convívio humano,
e o só dizer-se aquilo é já curvar
hombridade e altivez à turba circunvaga).

Outro escrever existe: não com sangue,
mas com as tintas de alma, tão ardentes
que água se vitrifica e o ar não passa
além do nosso peito que o respira.
O sangue, em tempo de assassinos, não
merece já respeito. Mas as tintas
com que tu escreves de estar só no mundo

não tingem água nem escurecem ares—
—porém o instante queda por eterno
naquele recordar de exaustas vidas
qual a nossa perdemos neste espaço
de tempo e terra que nos deram fados
e onde só água e ar são o que passa
entre cadáveres, ruínas, e homens feitos
do que poetas não dizem. Nós dizemos.



J. P. de Lima
A DIOGISIO RIBRUEJO

Poetas disseram: escrever das águas,
passar-se como o vento que não volta
e outras imagens do fugir do tempo
(Julgavam eles, quando o que nos toca
é ser-se ouvido no convívio humano,
e o só dizer-se aquilo é já curvar
bondade e alívio à trilha circunvaga)

Outro escrever existe: não com sangue,
mas com as tintas de alma, tão ardentes
que a vida se vira e o ar não passa
além do nosso peito que o respira.
O sangue, em tempo de assassinos, não
interessa já respirar. Mas as tintas
com que tu escreves de estar só no mundo